

LEIA AGORA

Por trás das barreiras

Trinta anos após a queda do Muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria, o planeta passa por novos desafios, que vão além do desejo por supremacia

Muros ou pontes?

O número de barreiras físicas construídas pelo ser humano para separar territórios quadruplicou nas últimas três décadas. Que caminho seguir para mudar essa situação?

Tensões atuais

A ordem multipolar apresenta inúmeros conflitos entre as potências, os quais ainda opõem o Oriente ao Ocidente. Existe o risco de haver uma nova Guerra Fria?

Comunicação pós-Guerra Fria

Em um mundo globalizado, qualquer pessoa pode gerar e disseminar informações. Saiba qual era o poder da mídia no mundo bipolar e o que ela representa atualmente



Edição

10

Nov-2019

Direção-geral

Nicolau Arbex Sarkis

Gerência editorial

Wagner Nicaretta

Gerência de produção editorial

Andréa Cozzolino

Coord. de projeto editorial

Brunna Mayra Vieira da Conceição

Consultoria de desenv. editorial

Caroline Barbosa Lopes do Amaral

Analista editorial

Débora Cristina Guedes

Coord. de licenciamento e iconografia

Leticia Palária de Castro Rocha

Licenciamento

Vitor Hugo Medeiros

Coordenação de edição de texto

Anaiza Castellani Selingardi

Edição de texto

Bruno Freitas, Cláudio Leyria, Edilene Faria, Letícia Dantas e Letícia Paiva

Coordenação de revisão

Carla Vieira Cardoso Egídio

Revisão

Giselle Lourenço, Thiago Marques P. da Silva e Vivian Prado de Souza

Coordenação de arte

Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Projeto gráfico

Willyam Gonçalves

Diagramação

Patrícia Aparecida Monteiro



Nesta edição

5 ENTRELINHAS

MUROS × PONTES: QUE CAMINHO SEGUIR?

Após 30 anos da queda do Muro de Berlim, a quantidade de barreiras físicas construídas mundo afora é superior à que havia no período da Guerra Fria.

7 CONTEXTO

O MUNDO PÓS-GUERRA FRIA E AS DISPUTAS ATUAIS

Ainda ocorrem conflitos entre o Ocidente e o Oriente, e há quem diga que existe uma nova Guerra Fria. Entretanto, as rivalidades de hoje vão além do desejo de supremacia.

11 CARREIRA

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Nessa profissão versátil, as atividades vão além da diplomacia, passando pelo combate ao terrorismo e ao tráfico de pessoas, drogas e armas.

Editorial

Por trás das barreiras

Há 30 anos, na noite de 9 de novembro de 1989, caía o maior símbolo da Guerra Fria: o Muro de Berlim, que separava as duas Alemanhas – Oriental e Ocidental – e que vitimou inúmeras famílias que tentaram ultrapassar a barreira. Começava a “cair”, também, o bloco comunista, comandado pela antiga União Soviética, ao passo que a Alemanha vislumbrava sua reunificação.

Para que tudo isso ocorresse, a população teve papel fundamental. Sem internet, sem *selfies* ou *stories*, o povo foi às ruas em uma série de eventos pacíficos em prol da liberdade. Em outubro daquele ano, 70 mil pessoas participaram de um ato em Leipzig, lado oriental da Alemanha. Um mês depois, quase meio milhão de pessoas protestaram em Berlim.

Após essa enorme manifestação, a República Democrática Alemã autorizou sua população a cruzar o muro, o que foi transmitido ao vivo pela televisão. O povo comemorou e, literalmente, quebrou a barreira. Muitas famílias queriam apenas a chance de ter um futuro melhor, algo que antes acabava sendo impedido devido às disputas ideológicas.

A queda do Muro de Berlim foi um espetáculo mundial, e parecia que o mundo inteiro passaria a viver em harmonia, sem o medo constante de uma guerra nuclear. No entanto, os conflitos não cessaram. No que se refere a instabilidades políticas, basta acessar o noticiário para descobrir, a cada dia, um novo capítulo das tensões mundiais. Se utilizarmos apenas o exemplo dos Estados Unidos, notamos disputas deste país com a China, o Irã, a Coreia do Norte e o México. Isso sem citar as guerras no Oriente Médio, a xenofobia e a volta de pensamentos fundamentalistas na Europa, na África e na América, as divergências sobre as mudanças climáticas, entre outras situações.

Diante do contexto mundial recente, o *Leia Agora* apresenta, em sua última edição de 2019, reflexões acerca de separatismo entre os povos, da Guerra Fria e da Nova Ordem Mundial. Na seção “Entrelinhas”, é discutido o aumento no número de barreiras que separam populações e territórios, mesmo após a queda do Muro de Berlim.

Já a seção “Contexto” expõe as atuais disputas e responde à seguinte questão: estaríamos vivendo uma nova Guerra Fria? O conteúdo desta edição ainda passa pelo fenômeno da gentrificação, explicado no “Toque do Especialista”, e evidencia o poder da internet no mundo pós-Guerra Fria, na seção “Parêntese”.

Desejamos a você uma ótima leitura e um final de ano repleto de boas notícias!

Equipe *Leia Agora*

Destaque

Nobel da Paz: primeiro-ministro da Etiópia, Abiy Ahmed, é premiado

O vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 2019 foi o primeiro-ministro etíope Abiy Ahmed, responsável por um acordo de paz da Etiópia com a Eritreia. O acordo encerrou um impasse militar de 20 anos, que vinha desde uma guerra na fronteira que durou de 1998 a 2000. Foram indicados 301 candidatos para o prestigiado prêmio. Entre os favoritos, estava o cacique brasileiro Raoni, líder do povo caiapó e reconhecido como um dos maiores ativistas da causa indígena no mundo.

11 out. 2019 – BBC

Brasil acelera programa para distribuir venezuelanos pelo território

O crescente desembarque de imigrantes venezuelanos em Manaus é, em parte, fruto dos esforços das autoridades brasileiras para distribuí-los pelo território e aliviar as tensões ao norte da capital amazonense, na região onde fica a única passagem fronteiriça entre os dois países. Quase 15.000 pessoas foram distribuídas entre 250 municípios de praticamente todos os estados. O Governo Federal prevê que o êxodo venezuelano continuará e poderá até aumentar, e tomou medidas.

7 out. 2019 – El País

O mercado vai para onde está o dinheiro

Banhada pela Baía de Todos-os-Santos, Salvador é considerada a cidade da música e um dos berços culturais do Brasil. Há uma tendência de implantação de empreendimentos de luxo no Centro Histórico. “É um projeto que certamente vai alterar muito a dinâmica urbana daquela área, provocando processo de gentrificação, que significa que essas populações que circulam, que vivem naquela área, não vão continuar frequentando porque há uma tendência de as classes altas frequentarem”, avalia a geógrafa e doutora em geografia Lirandina Gomes. Ela acredita que é preciso “fortalecer a cultura local, melhorar as condições dessas populações para que haja uma relação mais equilibrada entre os visitantes e os visitados, tanto economicamente quanto do ponto de vista social e cultural”.

8 out. 2019 – A Tarde

Nações europeias criticam lançamento de míssil pela Coreia do Norte

Seis nações europeias criticaram, em declaração conjunta, a Coreia do Norte pelo teste de um míssil balístico na semana passada. Enviados da França, Alemanha e de mais quatro países divulgaram a declaração depois de o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) debater, em reunião a portas fechadas, o lançamento do míssil, que caiu na Zona Econômica Exclusiva do Japão. O embaixador da França nas Nações Unidas, Nicolas de Riviere, leu a declaração, segundo a qual o teste “se segue a uma série de lançamentos de mísseis balísticos de curto alcance nas últimas semanas”. Os enviados reiteraram que “condenam essas ações provocativas”.

9 out. 2019 – Agência Brasil

Portaria simplifica concessão de visto humanitário para sírios

Uma portaria interministerial publicada no Diário Oficial da União simplifica a concessão de visto temporário para sírios que pedirem proteção e abrigo ao Estado brasileiro em função dos conflitos armados na Síria. A Portaria Interministerial nº 9 isenta o imigrante sírio beneficiado pela medida da cobrança de taxas para obtenção de visto, registro e autorização de residência. Os vistos temporários poderão ser solicitados nos postos consulares do Brasil em Beirute (Líbano); Amã (Jordânia); Cairo (Egito) e em Istambul ou em Ancara (Turquia). Ao ingressar em território brasileiro, o portador do visto temporário terá 90 dias para comparecer a uma unidade da Polícia Federal para solicitar o registro do visto de entrada no país. A autorização para residência temporária nestes casos terá validade de dois anos.

9 out. 2019 – Agência Brasil

MIRA! ESTO!

Una guerra nuclear entre Índia y Pakistán mataría millones de personas instantáneamente

La carrera nuclear de Pakistán e India puede llevarles a tener entre 400 y 500 armas nucleares para el año 2025. El conflicto abierto entre ambos países amenaza constantemente con provocar un enfrentamiento nuclear de consecuencias imprevisibles y devastadores. Si algún día uno de los dos territorios abre la veda, se esperan más de 100 millones de muertes instantáneamente. India y Pakistán pueden repetir el desafortunado ejemplo establecido por EE.UU. y Rusia durante la guerra fría.

4 out. 2019

La Vanguardia
BARCELONA



As notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em 11 out. 2019.



Graham Hunt/ProSports/Shutterstock

Em evento esportivo em Birmingham, na Inglaterra, torcedor faz protesto bem-humorado fantasiado de Kim Jong-un, líder da Coreia do Norte. Esse é um exemplo de manifestação contra o clima de ameaças de ataques nucleares que ainda ronda o planeta, o que era comum no período da Guerra Fria. Apesar de ter se comprometido a cumprir resoluções do Conselho de Segurança da ONU de desnuclearização em nome da paz, a Coreia do Norte não parou de realizar testes com mísseis de longo alcance. No início de outubro, o país continuou a exibir seus atributos balísticos e testou mísseis com sucesso, o que foi interpretado pela União Europeia como uma provocação. No mesmo mês, o governo norte-coreano se reuniu novamente com o estadunidense, mas não houve acordo.

//EM FOCO

Muros × pontes: que caminho seguir?

Após 30 anos da queda do Muro de Berlim, a quantidade de barreiras físicas construídas mundo afora é superior à que havia no período da Guerra Fria

TEXTO 01

Para que serve um muro? Um muro é uma construção física que existe para dividir o mundo de dentro do mundo de fora. Um muro cria territórios e evita o encontro indesejado com o outro. Ele limita a livre circulação num espaço e também serve como barreira de proteção.

[...]

Na nossa sociedade, os muros crescem por todo lado e formam uma imensa barreira geográfica e social. Um estudo do geógrafo Michel Foucher concluiu que existe um total de 18 mil km de barreiras intransponíveis construídas pelo homem no planeta. Em 1989, quando caiu o Muro de Berlim (símbolo da Guerra Fria), havia 16 muros a marcar fronteiras no mundo. Segundo uma pesquisa da Universidade de Quebec, hoje existem 65 já construídos ou em vias de ficarem prontos.

A globalização aboliu as fronteiras para a economia, o comércio e as informações. Mas para os seres humanos foram erguidos ainda mais muros. Os países apostaram no controle de fronteiras, com barreiras impulsionadas principalmente pelo intenso fluxo de imigração dos últimos anos, reflexo de recentes crises econômicas e de conflitos armados.

[...]

Para o sociólogo Zygmunt Bauman, o muro contemporâneo é o símbolo do medo. [...] O sintoma desse medo seria a busca por sofisticados sistemas de segurança e cercas contra o perigo do estranho que mora ao lado.

CUNHA, Carolina. "Geografia – os muros que dividem o mundo". *Uol Educação*, [s.d.]. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/geografia-os-muros-que-dividem-o-mundo.htm>>. Acesso em: 11 out. 2019.

02 TEXTO

Concluímos que os atentados de 2001, da mesma maneira que a Primavera Árabe [iniciada em 2010], tinham sido um acelerador para a multiplicação de muros, mas não um desencadeador. O fator real foi a globalização, a maneira como ela mudou as estruturas econômicas nos países e como muitas pessoas sentem que não têm o menor controle sobre suas próprias vidas.

[...]

É difícil comparar períodos históricos, mas vejo muita semelhança da época atual com o entreguerras. Tínhamos o mesmo tipo de sociedade pós-crise tentando entender o sistema econômico e achar uma maneira de se adequar.

As pessoas têm a sensação de que é fácil fortificar suas fronteiras e que isso vai protegê-las das ameaças e riscos globais. [...] Os muros e as cercas nas fronteiras são uma resposta visível e fácil para essas inseguranças da população.

"Globalização gerou insegurança e, ao invés de derrubar, reforçou fronteiras". *Instituto Humanitas Unisinos*, 19 set. 2017. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571810-globalizacao-gerou-inseguranca-e-ao-inves-de-derrubar-reforcou-fronteiras>.

Acesso em: 11 out. 2019.

03 TEXTO

Das barreiras atuais, a única que pode ser considerada homóloga à de Berlim é o muro que separa a comunista Coreia do Norte e a capitalista Coreia do Sul. [...]

Um exemplo emblemático de barreira construída para conter o fluxo de imigrantes é o muro localizado na fronteira entre Tijuana, no México, e San Diego, nos Estados Unidos. [...]

Barreira do tipo imperialista, o muro que separa Israel de territórios palestinos ocupados, como Cisjordânia e Jerusalém Oriental, foi construído sob o pretexto de frear a entrada de terroristas no país e garantir sua segurança. [...]

Por fim, há que destacar o muro com fins políticos e religiosos que separa partes de Belfast, capital da Irlanda do Norte. [...]

NOGUEIRA, Adriana. "O Muro de Berlim e as barreiras atuais". *Nova Escola*, 01 jul. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2184/o-muro-de-berlim-e-as-barreiras-atuais>>. Acesso em: 11 out. 2019.

Neste mês de novembro, completam-se 30 anos da queda do Muro de Berlim, um dos maiores símbolos do conflito entre capitalistas – representados pela Alemanha Ocidental – e socialistas – representados pela Alemanha Oriental. Mas o que o mundo aprendeu com a derrubada dessa barreira?

O que se esperava com o fim de um dos grandes marcos da Guerra Fria era uma unificação entre os povos, uma abertura das fronteiras, mas não foi o que ocorreu. De acordo com o texto 1, historiadores afirmam que, naquela época, havia cerca de 16 muros construídos como forma de barreira. Com o passar dos anos, essa quantidade mais que quadruplicou, segundo dados de uma pesquisa feita pela Universidade de Quebec, e atualmente existem 65 muros já construídos ou em vias de ficarem prontos em todo o mundo.

Com esses dados, levantamos outra questão sobre o tema: que fatores motivaram esse aumento significativo? Conforme indica o texto 2, há diversas causas que podem ser consideradas, como os atentados contra os Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001, provocados pela organização fundamentalista Al-Qaeda; e a Primavera Árabe, que foi uma série de protestos eclodidos em 2011 contra governos ditatoriais no Oriente Médio e no norte da África. No entanto, o que realmente desencadeou a construção de novos muros no mundo, segundo pesquisadores, foi a globalização, a qual mudou as estruturas econômicas dos países.

Sobre esse aspecto, retomando o primeiro texto desta análise, caracteriza-se a globalização como um movimento que possibilitou a abertura da economia e do comércio, mas que, em contrapartida, incentivou a criação de barreiras visando ao controle do fluxo de imigração. Essa seria para os governos uma forma “fácil” e visível de minimizar a insegurança da população, fazendo-a sentir-se “protegida”.

É exatamente por esse motivo que, atualmente, há um importante debate em pauta: a construção de uma barreira entre Estados Unidos e México. Muito se tem falado sobre o tema, em especial após as declarações do presidente estadunidense Donald Trump, que pretende reforçar o controle migratório ilegal de mexicanos. A fronteira entre os países tem cerca de 3,1 mil quilômetros de extensão, dos quais mil já são ocupados por barreiras e outros 1,6 mil quilômetros devem receber construções. O restante da fronteira é dividido por obstáculos naturais, como rios e desertos.

Conforme citado no texto 3, o exemplo Estados Unidos-México se enquadra no quesito do fluxo de

imigrantes, mas existem outros motivos que levam os países a criar fronteiras físicas, podendo ser religiosos, como é o caso do muro construído em Belfast, na Irlanda do Norte; ideológicos, a exemplo da barreira entre Coreia do Norte (comunista) e Coreia do Sul (capitalista); ou imperialistas, como a divisão existente na Cisjordânia, que delimita os territórios árabe e judeu. Apesar dos exemplos citados, o que, de fato, tem levado muitos países a criar muros em suas fronteiras é a busca pelo controle da entrada de imigrantes ilegais.

A respeito de toda essa temática que envolve a construção de barreiras entre os países, podemos considerar a reflexão de um dos mais importantes sociólogos da atualidade, Zygmunt Bauman, que afirmou que os muros contemporâneos construídos pelas sociedades são o símbolo do medo. Ou seja, essas fortificações demonstram a insegurança das populações em relação aos seus vizinhos, que faz com que muitos se sintam desprotegidos, com medo do “estranho” que mora ao lado (texto 1).

Todavia, diante do cenário em que vivemos, será que a construção de muros e barreiras é capaz de solucionar os problemas provenientes dos fluxos migratórios, das diferentes ideologias e dos conflitos religiosos? O que poderia ser feito para que diminuíssem as ameaças de violência entre os povos? Em vez da construção de muros, não seria o caso de construir pontes entre as nações, possibilitando um diálogo maior? Com base nas informações apresentadas e em seus conhecimentos acerca do tema, elabore um texto dissertativo que responda às questões, seguindo a temática “A globalização abriu portas, mas construiu muros. Que caminho devemos seguir para uma integração entre os povos?”. Se necessário, faça uma pesquisa para que possa obter mais subsídios para seus argumentos. Bom trabalho!



Famílias de Tijuana conversando com parentes através da barreira que separa os Estados Unidos do México.

O mundo pós-Guerra Fria e as disputas atuais



Em meio às instabilidades contemporâneas, ainda com conflitos entre o Ocidente e o Oriente, há quem diga que existe uma nova Guerra Fria. Contudo, o cenário mundial do início do século XXI apresenta rivalidades que vão além do desejo de supremacia

POR DIEGO AMARO DE ALMEIDA

Alguém que acordasse hoje de um estado de letargia induzido desde a década de 1980 e lesse os jornais dos últimos anos, a fim de se atualizar sobre a geopolítica mundial, não ficaria muito surpreso com o conteúdo das editoriais internacionais. Pelo contrário, tenderia a achar que a Guerra Fria entre o Ocidente e o Oriente, cujo fim formal fora decretado após a queda do Muro de Berlim (1989) e a desintegração da União Soviética (1991), ainda estava em vigor.

Um exemplo da plena vigência da Guerra Fria em nossos dias seria o imbróglio diplomático entre o Reino Unido e a Rússia nos primórdios de 2018, envolvendo o envenenamento de um ex-espião russo abrigado em solo inglês. Sergei Skripal e sua filha Yulia foram envenenados em Salisbury, no sul da Inglaterra, após terem sido expostos a uma substância química denominada “novichok”. Segundo o governo britânico, tal veneno teria sido fabricado na Rússia. O governo russo, por sua vez, negou essa afirmação e apontou os serviços

secretos de espionagem britânico e estadunidense como autores do envenenamento. Essas acusações causaram grave crise nas relações entre os governos, com a expulsão de vários diplomatas russos do Reino Unido e de países ocidentais aliados, no final de março de 2018. Os russos revidaram e também expulsaram diplomatas ocidentais do seu território.

Outra notícia que certamente indicaria que a Guerra Fria não havia acabado é a que foi veiculada no dia 20 de outubro de 2018, quando o presidente estadunidense, Donald Trump, anunciou que os Estados Unidos estavam se retirando do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário, assinado em 1987 pelos então presidentes Ronald Reagan, dos Estados Unidos, e Mikhail Gorbatchov, da extinta União Soviética. Tal acordo diplomático entre as duas superpotências suprimiu o uso de mísseis cujo alcance era de 500 a 5 000 quilômetros e serviu para pôr fim a uma crise gerada nos anos de 1980 após a implantação dos mísseis SS-20 pelos soviéticos e cujo alvo eram as capitais ocidentais.

A alegação de Trump foi de que os russos violaram o tratado há muitos anos, tendo inclusive criado o sistema de mísseis 9M729, com alcance superior aos 500 quilômetros previstos no acordo. Com isso, os Estados Unidos passaram a ter a liberdade de desenvolver novos mísseis de alcance intercontinental. Alguns especialistas afirmam que a retirada dos estadunidenses do acordo com a Rússia também poderia ter como alvo os chineses, visto que a China, por não ter assinado o acordo de limitação de armas, continuou a desenvolver mísseis de grande alcance para transportar armas nucleares. Um exemplo disso é o que ocorreu na recente comemoração do 70º aniversário da fundação da República Popular da China: em outubro – com direito a desfile militar com 15 mil soldados, centenas de tanques de guerra e aviões de combate –, os chineses mostraram orgulhosos os DF-41, foguetes balísticos intercontinentais que podem atingir qualquer ponto dos Estados Unidos.

Imaginechina/Shutterstock



Desfile militar do dia 1º de outubro de 2019, em Pequim, China. O país comemorou 70 anos da fundação da República Popular mostrando seu poderio militar.

Além disso, nosso crédulo leitor se depararia com a informação nos jornais de que as relações entre Washington e Moscou estão sob constante tensão nos últimos anos e têm a marca da ambiguidade em face das acusações de interferência russa nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016, que elegeram Donald Trump como presidente. O leitor encontraria, ainda, notícias sobre o apoio russo ao governo do presidente sírio Bashar al-Assad na guerra civil que assola o país desde 2011, quando a sangrenta repressão governamental síria a protestos populares inspirados pela Primavera Árabe ensejou a interferência de tropas estadunidenses no norte do país. Por outro lado, esse leitor seria informado de que, vez ou outra, o governo dos Estados Unidos sinaliza que deseja o apoio de Moscou para encontrar uma saída para a guerra na Síria e exercer pressão sobre os programas de armas nucleares do Irã e da Coreia do Norte, outros focos de tensão internacional entre russos e americanos.

Com todas essas informações, podemos indagar: afinal, estamos vivendo uma nova Guerra Fria? Para responder a essa questão, é preciso primeiro definir o que foi a Guerra Fria. Pois bem, terminada a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os países aliados vencedores do conflito dividiram-se em dois blocos: o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o socialista, comandado pela União Soviética. Seguiu-se a isso um período de intensas disputas diplomáticas e de conflitos militares indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, com ambos buscando obter a hegemonia mundial. Foi justamente por causa desse confronto indireto entre as superpotências da época que a disputa foi chamada de “Guerra Fria”, pois uma guerra direta entre elas implicaria a destruição do planeta em face do imenso poder nuclear que possuíam. Contudo, apesar de não guerrearem entre si efetivamente, ambos os países apoiaram guerras violentas em outros territórios, como no Vietnã (1955-1975) e na Coreia (1950-1953) – além disso, Estados Unidos e Rússia (parte da antiga União Soviética) continuam a atuar em guerras no Afeganistão e na Ucrânia.

Desse modo, de um lado estava a União Soviética, que buscava implantar em outros países o regime socialista, baseado na adoção de uma sociedade sem classes, de economia planificada pelo Estado, sem propriedades particulares e onde só seria permitida a existência do Partido Comunista. Do outro lado estavam os Estados Unidos, que tinham o objetivo de expandir e defender o sistema capitalista, baseado na divisão entre capital e trabalho, na sociedade de classes, no multipartidarismo político, na economia de mercado e na defesa da propriedade privada.

O mundo tornou-se, então, **bipolar**. A Europa se viu dividida em duas, com os países do Leste Europeu adotando o regime socialista após terem sido libertados do jugo nazista pelos russos. Surgia a tal “Cortina de Ferro”, expressão cunhada pelo primeiro-ministro inglês Winston Churchill, quando discursou no Westminster College, nos Estados Unidos, em 5 de março de 1946, e afirmou que “... uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Atrás dessa linha estão todas as capitais dos antigos estados da Europa Central e Oriental. Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sófia.”

Para fazer frente ao avanço socialista no mundo, o então presidente estadunidense Harry Truman criou, em 1947, o Plano Marshall, que fazia empréstimos com juros baixos a países aliados (como Japão e Alemanha Ocidental) e promovia investimentos a fim de recuperar as economias desses territórios, arrasados pela guerra.

A resposta dos soviéticos veio em 1949, com a criação do Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON) a fim de apoiar economicamente seus aliados.

Também em 1949, os Estados Unidos e seus aliados criaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), que tinha como objetivo manter alianças militares entre esses países para que pudessem se proteger em casos de ataque. Em contrapartida, a União Soviética assinou com seus aliados o Pacto de Varsóvia, que também tinha como finalidade a união das forças militares de toda a Europa Oriental com fins defensivos.

Nesse contexto, a adesão ao Plano Marshall da parte ocidental da Alemanha – área libertada do domínio nazista pelos Estados Unidos e aliados ocidentais na Segunda Guerra – ensejou a construção de um dos marcos mais significativos da bipolarização do mundo: o Muro de Berlim, erguido em 1961. Com a prosperidade do lado ocidental, muitos moradores do lado socialista de Berlim acabavam migrando e, para evitar que isso continuasse ocorrendo, os soviéticos construíram o muro que dividiu famílias e separou fisicamente o lado alemão oriental socialista (República Democrática Alemã, ou RDA) do lado ocidental capitalista (República Federal da Alemanha, ou RFA).

Com a Guerra Fria contextualizada, retomemos a nossa questão: vivemos hoje uma nova Guerra Fria? A resposta da maioria dos especialistas em geopolítica é “não”. Para eles, comparar o cenário atual com a rivalidade militar e ideológica entre a União Soviética e os Estados Unidos é enganoso, visto que a Guerra Fria foi fruto de uma ordem bipolar, em que duas superpotências com imenso poderio militar disputavam a hegemonia mundial.

Atualmente, a competição entre as nações não deriva de simples luta por poder político, supremacia militar ou simples imposição ideológica. Trata-se de algo muito mais complexo e que envolve também objetivos econômicos que estão por trás dos desentendimentos e imbróglis diplomáticos que permeiam o noticiário sobre política internacional – vide a questão dos acordos climáticos e a resistência de muitos países a se comprometer com suas metas.

Isso ocorre porque, ao fim do socialismo de matriz soviética, somaram-se algumas transformações que já vinham modificando as relações econômicas internacionais desde a segunda metade do século XX, resultando em uma Nova Ordem Mundial. Essa nova realidade foi marcada, inicialmente, pela vitória do capitalismo, fundado na supremacia econômica e militar dos Estados Unidos. Contudo, esse novo mundo, que parecia unipolar, logo se revelou multipolar nos campos econômico e militar. Países como Japão, Alemanha e Coreia do Sul ascenderam como potências econômicas; a própria China, apesar de continuar se dizendo socialista, fez reformas que dinamizaram sua economia e a aproximaram dos padrões capitalistas de produção, a fim de poder competir em um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico.

Já no campo militar, não demorou para a Rússia passar a se contrapor aos estadunidenses em poder bélico nuclear, seguida da China e de uma inimaginável Coreia do Norte. Atualmente, os Estados Unidos também temem que o regime islâmico do Irã desenvolva a tecnologia militar nuclear necessária para fazer frente à interferência crescente que fazem no Oriente Médio em prol dos seus antagonistas protegidos: Arábia Saudita e Israel.



O Muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria, dividiu a Alemanha por 28 anos. Em 9 de novembro de 1989, após uma série de protestos, a população quebrou várias partes do concreto, marcando a queda do muro e, conseqüentemente, o processo de derrubada do bloco socialista.

TOQUE DO ESPECIALISTA

POR VILLY CREUZ

Gentrificação: um fenômeno da pobreza e da desigualdade social

O termo “gentrificação” vem do vocábulo inglês “*gentrification*”, uma derivação de “*gentry*”, que significa “nobreza”; o conceito refere-se, portanto, ao enobrecimento de uma área. Sua origem é atribuída à socióloga britânica Ruth Glass, que trabalhava com planejamento urbano e sociologia urbana. No entanto, foi o geógrafo Neil Smith quem difundiu o conceito.

Em termos gerais, podemos afirmar que a gentrificação é um fenômeno social que ocorre em determinadas áreas – normalmente ocupadas por famílias com baixo poder aquisitivo e com custo menor de moradia – que são rapidamente valorizadas por meio da chamada “brecha da renda”, expressão também propagada por Neil Smith. Nesse fenômeno, são criados mecanismos de saída forçada da população pobre a fim de abrir espaço para a acomodação dos mais ricos.

A brecha da renda, por sua vez, é o “rosto” da desigualdade social, pois é por meio dela que ocorre a separação entre os lugares destinados à moradia e ao trabalho da população pobre e as regiões determinadas às atividades dos ricos. Essa situação é mais evidente em sociedades desiguais.

Nesse contexto de disparidade econômica, inicia-se o processo de gentrificação, o qual é marcado pelo abandono de áreas por parte da classe média. Tais locais, progressivamente, passam por um desinvestimento do poder público, o que leva à degradação do lugar, com a desvalorização dos terrenos. Quando a área chega a essa situação, os valores baixos dos imóveis chamam a atenção de investidores, e os grupos de negócios, em parceria com o poder público, passam a lucrar com isso, pois revitalizam as áreas e revendem empreendimentos com preços agregados maiores.

Cabe ressaltar, também, que a gentrificação é um fenômeno global, que não está restrito a países pobres ou com baixos indicadores sociais; basta haver desigualdade social. Na Alemanha, por exemplo, são diversos os casos de aumento excessivo em valores de aluguéis em bairros de Berlim, que foram modernizados para receber grandes corporações ou obras de infraestrutura.

Já na África do Sul, encontramos situações de gentrificação na Cidade do Cabo, onde as marcas do *apartheid* deixaram feridas abertas e geraram novos processos sociais, como no bairro Bo-Kaap, em que as construções de hotéis e residências de luxo desencadeiam a fragmentação da comunidade local.

Por fim, há o exemplo do bairro da Luz, na cidade de São Paulo, com a implantação do projeto Nova Luz, vinculado à dissolução da *cracolândia*, área de concentração de usuários de *crack*.

Assim, o século XXI nasceu sob o pilar de uma ordem multipolar, cujo principal componente foi o processo de globalização, que tem como característica essencial o aumento dos fluxos mundiais de pessoas e de mercadorias, capitais e informações. Houve, também, um grande incremento tecnológico, com o avanço da robotização – que ameaça extinguir muitos empregos e criar outros poucos.

Então, o que podemos esperar desse novo mundo? É difícil fazer previsões, mas é certo que uma guerra nuclear continua não interessando a ninguém. Outra constatação é a de que a globalização encurtou distâncias e tornou as nações mais dependentes economicamente umas das outras. Por isso, as maiores batalhas continuarão sendo travadas no campo diplomático (Organização das Nações Unidas) e nos organismos de regulação mundial (como a Organização Mundial do Comércio).

Vivemos, desse modo, uma época de grandes incertezas geradas pelas constantes mudanças no cenário geopolítico mundial. A todo momento novos problemas surgem e subvertem a ordem estabelecida, tais como os grandes fluxos migratórios ou a ação de grupos terroristas islâmicos. O mundo tornou-se um imenso “caleidoscópio”!

Diego Amaro de Almeida é mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e licenciado em História pelo Centro Universitário

Salesiano de São Paulo. Atualmente, é coordenador do curso de História do Unisal-Lorena, professor dos cursos de Ciências Contábeis, Educação Física e História na mesma instituição e pesquisador do Centro Salesiano de Pesquisas Regionais (Cesaper) Prof. José Luiz Pasin. Consultor da Expertise Educação, é também presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) e ex-presidente da Academia de Letras de Lorena.



Arquivo pessoal/Diego Amaro de Almeida

HA
BILI
DA
DES

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) estabelece competências e habilidades norteadoras do estudo dos conteúdos exigidos para o Ensino Médio. Por meio do texto “O mundo pós-Guerra Fria e as disputas atuais”, foram trabalhadas, principalmente, as seguintes competência e habilidade da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias:

C3 – Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

H15 – Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.

CARREIRA: Relações Internacionais

A carreira de Relações Internacionais exige que seus profissionais estejam sempre atualizados acerca dos acontecimentos do mundo.

Os graduados nessa área encontram diversas possibilidades de atuação, que vão além das tradicionais carreiras diplomáticas. O internacionalista pode, por exemplo, atuar nas estratégias de posicionamento de empresas no mercado global e na prevenção e no combate de atividades ilícitas, como o terrorismo e o tráfico de drogas, de pessoas e de armas.

ENTREVISTADA | Chyara Sales Pereira

Graduada em Relações Internacionais pela PUC-Minas, mestra em Sociologia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em Relações Internacionais pelo programa de pós-graduação em Relações Internacionais da PUC-Minas. Atualmente, é chefe de departamento e coordenadora do curso de Relações Internacionais da PUC-Minas. Atuou como chefe da assessoria de relações internacionais do governo de Minas Gerais, entre 2008 e 2015, e como consultora em cooperação internacional e atração de investimentos na Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), nos anos de 2015 e 2016.



Arquivo pessoal/Chyara Sales Pereira

Equipe Leia Agora: Que competências são desenvolvidas pelo estudante de Relações Internacionais? O que é estudado durante a graduação?

Durante a formação acadêmica, o aluno desenvolve capacidades crítico-reflexivas, objetivando a aquisição de competências e habilidades voltadas à solução de problemas de natureza internacional nas dimensões econômica, social, política, cultural, ambiental, bélico-estratégica etc. Tais conhecimentos permitem ao aluno investigar, analisar, tomar decisões e atuar em uma diversidade de questões, que vão desde o fenômeno da guerra e a resolução de conflitos até a projeção de empresas no mercado internacional. Ademais, o profissional dessa área também pode exercer atividades no âmbito da cooperação internacional – em suas modalidades técnica, cultural, financeira e econômica –, da captação de recursos, de intercâmbios internacionais etc., além daquelas relacionadas ao estudo e à pesquisa dos fenômenos internacionais em nível acadêmico. O campo de trabalho é amplo e diversificado, e o graduando pode ter acesso a um “leque” variado de oportunidades.

Durante a graduação, o aluno tem contato com disciplinas de diferentes áreas de conhecimento – como História, Economia, Direito, Geografia, Ciências Sociais – e também da área de Relações Internacionais, como Teoria de Relações Internacionais, Estudos Estratégicos, Instituições e Organizações Internacionais, Segurança, Estudos Regionais e Política Externa.

Equipe LA: Quais características o profissional dessa área deve desenvolver, visando a uma boa qualificação para o mercado de trabalho?

Devido à natureza interdisciplinar do campo de conhecimento das Relações Internacionais, o mercado de trabalho dessa área não segue o mesmo padrão de carreiras tradicionais, como Engenharia e Direito. O bacharel em Relações Internacionais deve compreender que sua atuação profissional não se restringe ao local em que reside

ou ao seu país de origem. O mercado de trabalho, para ele, é o mundo todo, e, por isso, ele deve se desenraizar nacionalmente, preparando-se para a diversidade e a riqueza da experiência humana em qualquer lugar do globo. O aluno deve compreender também que, hoje, pode estar no Brasil, tratando da inserção internacional de uma empresa e, amanhã, poderá lidar com os efeitos do aquecimento global em Tuvalu – pequeno país da Polinésia, na Oceania, ameaçado de extinção devido à subida do nível dos mares.



Brian Jackson/Stockphoto.com

O mercado de trabalho para o profissional de Relações Internacionais é o mundo todo; por isso, ele deve se preparar para a diversidade e a riqueza da experiência humana em qualquer lugar do planeta.

Equipe LA: Quais são as principais diferenças entre Relações Internacionais e Comércio Exterior?

A formação na área de Comércio Exterior é de caráter técnico e demanda que o profissional da área mobilize habilidades e competências em nível mais operacional do que estratégico – esse último abrange as demandas da formação em Relações Internacionais. Gosto de citar como exemplo que, normalmente, um graduado em Relações Internacionais realiza estudos de mercados futuros para exportação ou participa de mesas de negociação, seja para viabilizar um determinado contrato de compra e venda ou para solucionar um possível contencioso entre partes. Por outro lado, as atividades do profissional de Comércio Exterior se centram mais nos trâmites de “desembaraço” da transação comercial já realizada.

Equipe LA: Durante a graduação, como o estudante pode ter contato com a realidade do mercado de trabalho? O estágio é obrigatório?

No curso de Relações Internacionais da instituição em que eu atuo, o estágio não é obrigatório e pode ser iniciado em qualquer momento da graduação. Recebemos, semanalmente, editais em busca de alunos que estejam em períodos de formação variados, ou seja, eles podem estar matriculados no 2º ou no 5º período, por exemplo. Além disso, o curso oferece oportunidades internas no Departamento de Relações Internacionais que, apesar de aparentemente terem caráter mais acadêmico, permitem o desenvolvimento de habilidades e competências extremamente exigidas no mercado de trabalho. Isso pode ser exemplificado por meio de alguns dos nossos projetos, como o *blog* Conjuntura Internacional, que estimula a realização de análises e reflexões sobre questões contemporâneas que digam respeito ao campo das Relações Internacionais, seja para o público especializado (políticos, jornalistas, empresários, acadêmicos e técnicos dos setores governamental e não governamental), seja para o leitor que se interesse pelos variados temas da política internacional. Temos, ainda, o MINIONU, que incentiva a participação dos alunos do Ensino Médio em temas internacionais por meio de simulações das Nações Unidas de forma pedagógica. Por fim, temos o Observatório de Cooperação Internacional, que monitora a cooperação realizada por Estados, unidades subnacionais, organizações internacionais e atores não estatais no âmbito da sociedade internacional.

Equipe LA: Após formado, em quais áreas o internacionalista poderá atuar? Como deve ser a atuação dele no desenvolvimento de empresas privadas, visando à colocação e à expansão dessas instituições no mercado internacional?

A emergência de um mercado não mais restrito às fronteiras nacionais e à crescente interdependência entre os agentes econômicos levou as empresas a se preocuparem com a concorrência fora do âmbito local ou regional, ampliando suas áreas de atuação para além do mercado nacional. Isso favoreceu a absorção do graduado em Relações Internacionais pela iniciativa privada, que passou a ser requisitado por empresas nacionais e transnacionais, organizações financeiras, associações de classe empresariais, câmaras de comércio e associações setoriais a fim de atuar na

interseção entre os mercados nacional e internacional. O bacharel em Relações Internacionais está apto a realizar sondagens de mercado, efetuar diagnósticos e analisar cenários e oportunidades de inserção internacional de empresas, bem como a negociar e efetivar acordos internacionais em áreas e segmentos específicos.

Equipe LA: No caso do profissional do setor público, como ele deve atuar para defender os interesses do país para o qual trabalha?

Do ponto de vista do setor público, a empregabilidade vai além do ingresso tradicional na carreira diplomática. A política externa continua exclusiva do governo central e dos órgãos de relações exteriores, mas o novo cenário de interdependência global e a emergência de problemas globais que ultrapassam as fronteiras nacionais levaram diferentes setores estatais – ministérios, secretarias, superintendências, empresas estatais e mistas –, bem como estados e municípios, a se projetar internacionalmente na captação de recursos e de investimentos, na realização de acordos de cooperação internacional, nas trocas de experiências e de boas práticas etc. Isso abriu novas oportunidades de trabalho para o bacharel em Relações Internacionais, que pode atuar como analista e assessor em ministérios, agências de governo, secretarias municipais e estaduais, consulados e outras representações estrangeiras.

Ainda no âmbito estatal, novas oportunidades de trabalho emergem na área de segurança e defesa nacional. A formação de redes internacionais de atividades ilícitas, como o crime organizado internacional – tráfico transfronteiriço de drogas, de armas, de pessoas, de órgãos etc. – e o terrorismo, obriga os Estados a estabelecerem estratégias transnacionais de cooperação voltadas à prevenção e ao combate de tais problemas.



Novas oportunidades de trabalho para o profissional de Relações Internacionais surgem na área de segurança e defesa nacional; assim, ele poderá atuar na prevenção e no combate de atividades ilícitas e do terrorismo.

Embora ainda seja um mercado de trabalho incipiente no Brasil, bacharéis em Relações Internacionais estão sendo contratados pelo Estado como analistas e formuladores de estratégias de prevenção e combate direcionadas às atividades ilícitas, principalmente no que se refere à cooperação internacional entre os países diretamente atingidos por essas questões.

Uma outra oportunidade de trabalho está nas Organizações Não Governamentais (ONGs). O ativismo internacional pode ser realizado em áreas como as de desenvolvimento e sustentabilidade, combate à pobreza e aos problemas ambientais, mediação em zonas de tensão e de conflito, atuação em áreas de desastres e catástrofes naturais, intercâmbio cultural, defesa dos direitos humanos e de minorias. Os profissionais da área podem, ainda, trabalhar diretamente em zonas de tensão, como mediadores na resolução de conflitos.

Por fim, as instituições e organizações internacionais – como o Sistema das Nações Unidas (ONU) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) – e os blocos de integração regional – como o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e a União Europeia (UE) – oferecem ao profissional uma gama diversificada de trabalho, que vai da mediação e resolução de conflitos a negociações e formulação de acordos e tratados internacionais.

Equipe LA: Após 30 anos da queda do Muro de Berlim, podemos afirmar que o mundo ainda convive com novos confrontos e divisões internacionais, como a guerra econômica travada entre Estados Unidos e China? Como o profissional de Relações Internacionais deve atuar diante desses novos confrontos?

O fim da Guerra Fria, emblematicamente simbolizado pela queda do Muro de Berlim, constitui mais um dos vários confrontos e divisões internacionais que se estendem desde a época do Império Romano. A dinâmica internacional é uma esfera de realização da política e, sendo assim, está sujeita à busca pela realização autointeressada dos atores que dela fazem parte. A história revela que é a natureza dos atores e dos seus interesses que muda ao longo dos anos, não a dimensão conflitiva da política internacional. É importante dizer que ser conflitiva não significa estar em guerra, e sim não haver uma situação de harmonia perfeita. Diante desse cenário, um bom profissional de Relações Internacionais

é aquele que consegue transformar a dimensão do confronto na dimensão da política, desvendando o rol de interesses que guiam o comportamento dos atores das partes envolvidas, traçando cenários, fazendo análises ou intermediando negociações.

Um bom profissional de Relações Internacionais é aquele que consegue transformar a dimensão do confronto na dimensão da política.

Equipe LA: O internacionalista é um profissional que deve estar sempre bem-informado e atualizado acerca dos acontecimentos globais e que afetam o dia a dia da profissão. Diante disso, que recomendações você dá a um aluno que pretende ingressar nessa carreira?

Os principais instrumentos de trabalho do profissional de Relações Internacionais são, sem dúvida, a informação e o conhecimento. Querer aprender e estudar e ter curiosidade a respeito do mundo, em todas as dimensões, são passos importantes para uma exitosa atuação. Desse modo, o conhecimento, o desejo de saber mais e a responsabilidade são elementos que devem motivar o profissional em sua atuação diária.



Os principais instrumentos de trabalho do profissional de Relações Internacionais são a informação e o conhecimento.

A internet como agente transformador da comunicação pós-Guerra Fria

Por Letícia Paiva

A mídia já chegou a ser considerada o quarto poder, pois acreditava-se que, juntamente com os três poderes do Estado democrático (Legislativo, Executivo e Judiciário), ela seria capaz de exercer intensa influência na sociedade. Por muitos anos, essa foi a realidade, uma vez que as grandes empresas de comunicação criavam verdadeiros monopólios e detinham todo o poder de informar e conduzir a opinião pública. Hoje, esse fato é questionado: se não temos mais monopólios de comunicação (visto que qualquer um pode ser o responsável por divulgar e influenciar a opinião pública), a mídia ainda pode ser considerada um quarto poder?

Durante a Guerra Fria, era notável o papel dos veículos de comunicação, que agiam como verdadeiras armas na busca por hegemonia e persuasão da opinião pública. Com o apoio das grandes empresas midiáticas, foram criados programas de entretenimento que funcionavam, também, como propagandas ideológicas, essenciais para uma guerra baseada em convicções.

Nesse período, destacaram-se o rádio e a televisão; o primeiro era amplamente utilizado pelas forças armadas devido à velocidade de veiculação de informações e ao amplo alcance populacional, o que facilitava a disseminação das mensagens desejadas. Já o segundo foi usado pelos Estados Unidos como principal instrumento de propaganda do capitalismo, fazendo do comunismo (e conseqüentemente da União Soviética) um “mal a ser vencido”. As potências socialistas da época também usaram a televisão em seu favor e estenderam a propaganda ideológica aos países colonizados por elas.

Havia, ainda, a internet, que dava seus primeiros passos e foi vista pela inteligência americana como uma alternativa às demais mídias, fortemente monitoradas. Outros recursos

de propaganda ideológica do período eram os cartazes de rua, os folhetos, as revistas, os jornais e, até mesmo, os desenhos animados e os livros didáticos.

Atualmente, a mídia continua exercendo seu papel intrínseco de mobilizar e informar a população, mas ela mudou ao longo dos anos e não está mais concentrada apenas nas mãos de grandes monopólios. A internet evoluiu e fez com que essa responsabilidade fosse distribuída a qualquer pessoa que estivesse *on-line* e passasse a buscar e divulgar o que lhe interessava. Isso resultou não só em uma democratização das informações, mas também abriu espaço para a propagação de notícias inverídicas, as famosas *fake news*. Assim, estamos vivendo um período em que a confiabilidade das informações é questionada e, mais do que nunca, é necessário ter atenção ao conteúdo compartilhado nas mídias sociais, checando as notícias que chegam até nós e buscando sua comprovação em outras fontes.

Ao mesmo tempo, a internet foi o instrumento utilizado para mobilizar pessoas em importantes movimentos políticos dos últimos anos. É o caso da Primavera Árabe, essencialmente articulada via redes sociais, no final de 2010. O número de ciberativistas foi tão grande que alguns governos do Oriente Médio e da África chegaram a cortar o acesso da população. No Brasil, foram as manifestações de junho de 2013, organizadas principalmente pela internet, que reuniram milhares de pessoas nas ruas para defender diversas pautas, entre elas, a diminuição do preço das passagens de transporte público.

Consideremos, portanto, que a internet mudou a estrutura desse quarto poder e possibilitou a todos que se tornassem agentes de comunicação, mobilizando e informando à sociedade as pautas importantes, o que é uma tarefa que exige grande responsabilidade.

Mosaico Cultural

O PODER DA PROPAGANDA DURANTE A GUERRA FRIA

Filmes e programas de TV trazem histórias passadas durante o período para mostrar “superioridade estadunidense”, mas também para incentivar a tolerância

Um dos aspectos mais importantes da Guerra Fria foi o poder da propaganda, seja por meio de anúncios de conquistas das superpotências rivais, seja por intermédio das mensagens veiculadas pelo cinema e pela televisão. Os Estados Unidos sempre utilizaram sua arte maior, o cinema, para mostrar subliminarmente seu poder em relação aos soviéticos.

Uma produção ambientada em um clima tenso entre estadunidenses e russos foi *A caçada ao Outubro Vermelho* (1990), de John McTiernan, baseado no livro de Tom Clancy. O filme – uma visão americana de um russo se voltando contra seus compatriotas – mostra os planos de um oficial russo de desertar, levando para os Estados Unidos o submarino nuclear Outubro Vermelho, o mais avançado até então. A embarcação passa a ser alvo dos russos, que tentam resgatá-la, e dos estadunidenses, que acham que se trata de um ataque inimigo.

Mas nem tudo é sobre contar vantagens e fazer trocas de acusações. *Ponte dos espíões*, dirigido por Steven Spielberg em 2015, é baseado em um fato e mostra outro prisma: na Guerra Fria havia muitas pessoas interessadas na paz. No enredo, um advogado aceita defender um espião soviético capturado pelos estadunidenses. Os eventos levam a uma situação extrema em que o advogado precisa ir a Berlim Oriental para mediar a troca do espião por um prisioneiro americano.

Em *A forma da água* (2017), a história se passa em 1962. Os norte-americanos mantêm em cativeiro uma criatura aquática que pode se tornar uma poderosa arma contra os russos. Porém, o amor de uma faxineira surda-muda pelo monstro vai mudar todo o curso dos acontecimentos. Em um mundo cheio de esquisitices, o diretor Guillermo Del Toro critica a Guerra Fria e protege as minorias.

Sem rumo no espaço (1969) segue a modernidade de propor uma trégua entre estadunidenses e russos, mas esse clamor aconteceu bem no meio do período da Guerra Fria. Uma tripulação dos EUA está à deriva no espaço, e a NASA já esgotou todas as chances de resgate. Pedimos desculpas pelo *spoiler*, mas, no final, quem salva os astronautas são justamente os rivais russos. Em vez de competição, o longa propõe cooperação. Não é à toa que esse é o filme favorito de Alfonso Cuarón, e ele incluiu uma cena na sua obra-prima, *Roma*.

Contudo, as desavenças não acabaram: produtores ocidentais aproveitam os 30 anos do fim da Guerra Fria para continuar atacando os russos. A minissérie *Chernobyl* e a terceira temporada de *Stranger things* são bons exemplos dessa briga que parece interminável.



• A G E N D A •

HISTÓRIA

Memorial da Imigração Judaica

➔ Permanente.

ONDE: São Paulo.

O Memorial da Imigração Judaica, no Bom Retiro, oferece um rico acervo com fotos, arte sacra, artes plásticas e documentos que contam a história da chegada dos judeus ao Brasil, desde o século XVII, passando pelas guerras mundiais e pelo período da Guerra Fria, chegando ao século XXI.

INFO: <www.memij.org.br>.

GENTRIFICAÇÃO

Não é para você

➔ Permanente.

ONDE: Internet.

O *hotsite* TAB/UOL oferece conteúdo sobre os mais diversos assuntos e preparou um material muito didático sobre gentrificação, explicando o fenômeno na cidade de São Paulo. Com interatividade, o TAB permite ao internauta acessar um material suplementar (infográficos, áudios e vídeos) ao longo das 35 páginas de informações e reflexões.

INFO: <<https://tab.uol.com.br/gentrificacao>>.

IDENTIDADES

Museu da Imigração

➔ Permanente.

ONDE: São Paulo.

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo, que foi montado na antiga Hospedaria dos Imigrantes do Brás, exibe um acervo sobre o processo migratório no país, com base nas 2,5 milhões de pessoas de 70 nacionalidades que passaram pela entidade entre 1887 e 1978. Tal processo é apresentado como um fenômeno permanente na história da humanidade.

INFO: <<http://museudaimigracao.org.br>>.

CORRIDA ESPACIAL

Os primeiros conquistadores do espaço

➔ Permanente.

ONDE: Internet.

Na plataforma Google Arts & Culture, o Museu Memorial de Cosmonáutica, localizado em Moscou, celebra na internet, com imagens e documentos históricos, os primeiros cosmonautas que chegaram ao espaço. Há fotos dos cosmonautas, por exemplo, durante o intenso treinamento, em plena missão no espaço e desfilando em carro aberto em Moscou.

INFO: <<https://artsandculture.google.com/exhibit/the-first-conquerors-of-open-space/FgKiVRD7k9BoKQ>>.

#FICADICA



SCHNEIDER, Peter; VINAGRE, Ryta (Trad.). *Berlim, agora: a cidade depois do muro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

Schneider, que vive em Berlim há mais de 50 anos, esquadriha detalhadamente a capital alemã e, em 30 capítulos, descreve a vida cotidiana da cidade, os prédios antigos, as comunidades de imigrantes e as novas propostas arquitetônicas. História, política e cultura se fundem em uma análise que tenta prever como será o futuro da cidade.



Deutschland 83.

A série da televisão alemã estreou em 2015 e foi criada por Jörg Winger e Anna LeVine. A história se passa no período da Guerra Fria e focaliza a vida de Martin Rauch, um jovem da Alemanha Oriental que é recrutado para se infiltrar como espião no exército da Alemanha Ocidental. A missão de Rauch é, apesar dos perigos, coletar dados sobre as atividades militares da Otan.



Guerra fria: O mundo bipolar | Quer que desenhe?

O vídeo, do canal Descomplica, explica didaticamente a Guerra Fria: uma disputa ideológica entre superpotências que possuíam armas nucleares, mas que não podiam iniciar uma guerra, porque o poder de destruição afetaria o mundo todo. Enquanto Estados Unidos e União Soviética demarcavam o globo com países aliados, muita espionagem fluía “por baixo” da corrida armamentista e da corrida espacial.

Acesse: <<https://youtu.be/cAwsLaO4HGQ>>.



“Russians”, de Sting; “Wind of Change”, do Scorpions.

Duas músicas que fizeram muito sucesso quando foram lançadas colocaram milhares de fãs para cantar o tema da Guerra Fria. Uma é “Russians”, do cantor Sting, de 1985, que faz críticas ao clima político mundial. A outra é “Wind of Change”, da banda Scorpions, lançada em 1990 e que, um ano antes do fim da Guerra Fria, já previa em suas frases de otimismo o encerramento da ordem bipolar.